



Mme. Artus

Visando à preparação de recursos humanos para efetivar sua Reforma de Ensino, Francisco Campos trouxe da Europa (1929) uma equipe de profissionais de renome ligados à educação. Dentre eles, na área das artes plásticas, encontrava-se Mme. Artus Perrelet, uma professora vinda de Genebra e que, por aquela época, contava já com seus 60 anos.

Mme. Artus Perrelet, além de palestras aos professorado mineiro (realizadas à noite no Grupo Escolar Barão do Rio Branco), trabalhou por dois anos na Escola de Aperfeiçoamento.

Posteriormente, retornou à Europa, deixando documentadas em jornais da época, na fala dos contemporâneos, no rastro do seu trabalho, as marcas da metodologia do ensino novo que se pretendia. Disso é demonstração a crônica de Carlos Drummond de Andrade que vê, em seus cursos, a expressão de uma proposta do ensino que tem, na alegria de aprender, o seu ponto alto.

**Ana Maria Casasanta Peixoto
Maria Helena de Oliveira Prates**

- V. não está seguindo o curso de desenho de Mme. Artus?

- Ainda é possível matricular-se no curso de desenho de Mme. Artus?

- Que pena eu não ser professora para poder freqüentar o curso de desenho de Mme. Artus!

São pedaços de diálogos ouvidos no bonde, na Avenida Afonso Pena larguíssima e clara com as árvores cortadas, nas sorveterias e na sala de espera do Glória. Eu não sou propriamente o que se chama um cavalheiro bem informado, mas concluo daí que o curso de desenho de Mme. Artus Perrelet constitui hoje uma das preocupações elegantes da cidade. O que não lhe tira o alcance pedagógico e é antes um índice (como se diz nos editoriais), um índice da elevação intelectual da mulher mineira.

Até bem pouco tempo, a idéia da aula era oposta à idéia de prazer. O professor carregava na fisionomia sinistra reminiscências da Inquisição, e as carteiras em que a gente se sentava tinham sinais profundos de canivete e outras armas próprias para matar o tédio. Um poeta irresponsável afirmou que, nesse tempo, a escola era risonha e franca. Pois sim. Que noção tinha esse homem do riso? A escola podia ser tudo, menos isso que ele garantia que ela era.

Hoje, quando se pensa na Escola de Aperfeiçoamento e em outras escolas modernas, fica-se com vontade de ressuscitar o poeta e dizer-lhe:

- Doutor, tenha a bondade de reparar como o ensino se tornou amável. Veja a alegria saudável dessas professoras bonitas e inteligentes, clareando ainda mais esses largos pátios, esses salões amplos.

Tenha paciência, doutor, mas no seu tempinho não era assim não.

É precisamente na Escola de Aperfeiçoamento que Mme. Artus Perrelet dá as suas aulas notáveis de desenho aplicado, a mais de cem professoras moças de Belo Horizonte e do interior do Estado. Há três turmas, cada turma tem duas aulas por semana, cada aula duas horas e ninguém sai com cansaço nos dedos de tanto desenhar, ninguém se quebra. Mme. Artus é uma professora prodigiosa e fez do desenho, como arte de emprego imediato na vida de todo dia, qualquer coisa de surpreendente, que renova as sensibilidades tão atingidas por essa calamidade que anda por aí, com o nome de cursos de pintura. (A propósito: há em Belo Horizonte mais cursos de pintura do que pintores e mesmo matéria pintável. E todos prosperam sob este sol boníssimo). Mme. Artus trouxe-nos, assim, alguma coisa que não era nem a eterna lua prateando as águas e o respectivo veleiro, nem a eterna curva de caminho com a casa do caboclo em que um é pouco, dois é bom e três é demais, nem as eternas maçãs e laranjas na fruteira da sala de jantar burguesa. Trouxe-nos alguma coisa de novo, e o nosso professorado soube compreendê-la, enchendo as suas aulas e transformando o seu curso num verdadeiro acontecimento artístico e mundano



para Belo Horizonte. Ora ainda bem, e viva a pedagogia, quando se liga à inteligência e se prolonga na graça.

ANDRADE, Carlos Drummond de, 1902-1987.
Crônicas. 1930-1934. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais;
Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, 1987.